

A “SANTA SABEDORIA” E A VANGLÓRIA: DOIS TEXTOS DA LITERATURA SAPIENCIAL ANGLO-SAXÔNICA E SUA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS.

Elton Oliveira Souza de Medeiros
Faculdade Sumaré (SP)¹

Resumo: As fontes literárias anglo-saxônicas estão entre as de maior importância da Alta Idade Média ocidental. Nela podemos encontrar os tipos mais variados de assuntos e temas, tanto em prosa quanto em verso. Dentre alguns desses tipos encontramos o que se convencionou chamar de “literatura sapiencial”. O objetivo deste trabalho é apresentar uma introdução a essa espécie de construção literária e, ao mesmo tempo, trazer pela primeira vez em língua portuguesa o poema *Vanglória* e um dos capítulos da versão anglo-saxônica da obra de Boécio, *De Consolatio Philosophiae*; ambos a partir dos originais em inglês antigo.

Palavras-chave: Inglês Antigo, Boécio, Anglo-Saxões, Sabedoria.

THE “HOLY WISDOM” AND THE VAINGLORY: TWO TEXTS OF THE ANGLO-SAXON WISDOM LITERATURE AND THEIR TRANSLATION TO PORTUGUESE.

Abstract: The Anglo-Saxon literary sources can be considered among the most important sources from the western Early Middle Ages. There can be found different sorts of subjects and themes, in prose as well in verse. Among some of these types there is what is conventionally called "wisdom literature". The aim of this paper is to present an introduction to this kind of literary construction and, at the same time, bring for the first time in Portuguese the poem *Vainglory* and one of the chapters of the Anglo-Saxon version of the work of Boethius, *De Consolatio Philosophiae*; both from their originals in Old English.

Keywords: Old English, Boethius, Anglo-Saxons, Wisdom.

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP, professor de História Medieval da Faculdade Sumaré (SP), membro da *International Society of Anglo-Saxonists – ISAS* e *BRATHAIR – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos*; e-mail: eosmedeiros@hotmail.com

Introdução

“Literatura sapiencial” é uma terminologia utilizada – ao menos desde o século XIX – por estudiosos no campo da História e estudos literários medievais ao se referir a algumas das produções do período da Inglaterra anglo-saxônica que possuem elementos temáticos muito semelhantes a textos do mundo clássico e do oriente próximo, textos veterotestamentários (como os Salmos, Provérbios e Eclesiastes) e os diálogos de Platão. A terminologia não é um consenso e nem muito precisa ao tentar identificar quais textos se enquadram dentro deste perfil. Contudo, de forma geral, existe um grupo de por volta de quinze a vinte poemas e ao menos três textos em prosa, todos em inglês antigo, que podem ser reconhecidos como de teor sapiencial.²

Essas obras dos tempos da Inglaterra anglo-saxônica (séculos V – XI) compartilham de forma geral uma preocupação a respeito da condição, a existência e as experiências humanas pelo mundo. Acompanhadas de argumentações e demonstração de grandes verdades universais e, a exemplo de textos bíblicos e da antiguidade greco-latina, por vezes adotam o estilo do “diálogo sapiencial”: onde uma personagem sábia (um andarilho, um ancião ou até mesmo a personificação da própria Sabedoria – ainda que implicitamente) passa seus ensinamentos à outra, geralmente representando a figura do jovem discípulo.

Tais obras na Inglaterra claramente apresentam uma forte influência da tradição greco-latina através do viés da cristianização, desde o século V, assim como também da tradição hiberno-latina.³ Na verdade será essa influência, que ao se adequar e assimilar elementos locais da cultura bárbara anglo-saxônica, através da religião cristã como seu catalisador, que teremos o florescimento de uma tradição cultural local nessa região das Ilhas Britânicas.⁴ O mesmo tipo de construção literária e influência que pode ser encontrado em outras regiões do norte europeu, como a Escandinávia medieval, em obras como, por exemplo, o poema *Hávamál* e o *Vafþrúðnismál* – ambos na *Edda Poética* – assim como o prólogo da *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson. E, como no caso inglês, temos a influência da tradição clássica através do estabelecimento da cultura cristã em solo escandinavo (muito provavelmente por meio do trabalho de missionários anglo-

² HANSEN, Elaine Tuttle. **The Solomon Complex**. Toronto: University of Toronto Press, 1988, p. 3 – 11.

³ MEDEIROS, Elton O. S. “Erudição e Poesia Encantatória na Inglaterra anglo-saxônica: *Salomão e Saturno I* & o *Encantamento das Nove Ervas*”. **Mirabilia** 20 (1), 2015, p. 313 – 363.

⁴ PULSIANO, Philip & TREHARNE, Elaine. **A Companion to Anglo-Saxon Literature**. Oxford: Blackwell, 2001, p. 11 – 49; HUPPÉ, Bernard F. **Doctrine and Poetry: Augustine’s Influence on Old English Poetry**. Nova York: State University of New York, 1959, p. 28 – 216.

saxões e germânicos nos séculos IX – XI, não apenas no campo literário, mas também político).⁵

Apesar dessa característica em comum, as obras da literatura sapiencial anglo-saxônica variam muito em estilo e conteúdo. Nos poemas em inglês antigo *Máximas I e II*, por exemplo, encontramos uma coleção heterogênea de sabedoria popular, conhecimentos sobre a natureza e conselhos religiosos formulados como provérbios. No poema *Preceitos* um ancião dá conselhos de natureza social e religiosa a um jovem ouvinte. Enquanto o *Poema Rúnico*,⁶ por sua vez, oferece talvez uma das produções mais enigmáticas do corpo literário anglo-saxônico, estruturado em torno das vinte e nove runas anglo-saxônicas e nos poderes mágicos que elas evocam. Em poemas como *As Fortunas dos Homens* e *Os Dons dos Homens* vamos encontrar uma lista ou catálogo que identifica os destinos e as dádivas que Deus concede à humanidade, contendo assim também um teor moralizante e religioso. Já outros como *A Ordem do Mundo* se apresentam como longas meditações onde um poeta-sábio discorre sobre as glórias e maravilhas da Criação; poemas como *Vanglória* e *Resignação* exploram temas sobre os malefícios da soberba e sobre o arrependimento, e temos também *Os Diálogos Salomão e Saturno*⁷ que retrata o diálogo entre o rei veterotestamentário e a antiga divindade pagã sobre diversos assuntos, desde aspectos mais mundanos da Criação até o poder mágico da oração do Pai-Nosso.

Outros poemas em inglês antigo, apesar de não serem classificados exatamente como tal, também possuem trechos que contêm características da literatura sapiencial, como surge em algumas adivinhações, elegias, e trechos de poemas como *O Andarilho*, *O Navegante* e *Beowulf*.

Na prosa anglo-saxônica podemos citar como parte desse tipo produção o *Froferboc*, os *Solilóquios de Santo Agostinho* e a versão em prosa de *Os Diálogos de Salomão e Saturno*. Os dois primeiros são versões em inglês antigo de textos latinos: sendo o *Froferboc* derivado da *Consolatio Philosophiae* de Boécio e os *Solilóquios* do original de mesmo nome. Os dois textos apresentam como características interpolações e

⁵ HOLLANDER, Lee M. **The Poetic Edda**. Austin: University of Texas Press, 2000, p. 4; LASSEN, Annette. **Odin på kristent pergament: En teksthistorisk studie**. Copenhagen: Museum Tusulanums Forlag, 2011; MEDEIROS, Elton O. S. “A Linhagem Perdida de Sceaf: Genealogias Mítico-Históricas na Inglaterra e Escandinávia & a Tradução do Prólogo da *Edda* de Snorri Sturluson”, **Signum** 16 (3), 2015, p. 46-77.

⁶ MEDEIROS, Elton O. S. “*ráðna stafî, mjök stóra stafî, mjök stinna stafî*: Tradução Comentada dos Poemas Rúnicos Anglo-Saxão, Islandês, Norueguês e do *Abecedarium Nordmannicum*”. **Medievalis** 4 (1), 2015, p. 1 -31.

⁷ MEDEIROS, Elton O. S. “Erudição e Poesia Encantatória na Inglaterra anglo-saxônica: *Salomão e Saturno I* & o *Encantamento das Nove Ervas*”. **Mirabilia** 20 (1), 2015, p. 313 – 363.

reelaborações dos textos originais para o contexto da Inglaterra anglo-saxônica, e em ambos encontramos o formato do diálogo sapiencial. No *Froferboc* este ocorre entre *Mod* (“mente” em inglês antigo) e *Wisdom* (“sabedoria”) – no original tal diálogo é entre a personagem do filósofo (representando o próprio Boécio) e a Filosofia – e nos *Solilóquios* este ocorre entre a personagem de Agostinho e a Razão. Em *Os Diálogos de Salomão e Saturno*,⁸ como ocorre nas obras poéticas de mesmo nome, temos o diálogo entre a figura do rei Salomão e de Saturno; mas desta vez a respeito de assuntos de teor apócrifo da tradição bíblica (por exemplo, detalhes sobre a batalha celeste entre Lúcifer e o Senhor, a longa linhagem dos filhos de Adão e Eva, entre outros temas). Assim como nos textos poéticos, o diálogo entre as personagens dessas três obras em prosa – além de suas especificidades – acaba por abordar os mais diversos aspectos da Criação, da natureza divina, a conduta correta a se seguir durante a vida terrena e demais elementos moralizantes, religiosos e, principalmente, de reflexão sobre os benefícios da Sabedoria. Especialmente a sabedoria de origem divina.

Vanglória e a Santa Sabedoria.

Com a finalidade de apresentar de forma mais clara o teor das obras de conteúdo sapiencial do cenário da produção literária anglo-saxônica (séculos V – XI), foi escolhido um trecho do *Froferboc* – mais especificamente o capítulo 17 – e o poema em inglês antigo conhecido como *Vanglória*. A escolha por esses dois textos se deu em função de um ponto em comum. Além das óbvias referências aos benefícios do conhecimento e da Sabedoria (aqui grafado em maiúsculo para diferenciar o conhecimento oriundo da sabedoria terrena daquela advinda do *logos* divino, portanto, a “Santa Sabedoria”), é possível também relacionarmos em ambos os textos os elementos contrários ao comportamento sapiencial, movidos pela ignorância e a soberba e seus malefícios tanto no campo da vida pessoal quanto político.

O poema *Vanglória* é um dos textos que compõe o manuscrito conhecido como o *Livro de Exeter* (MS. Exeter, Cathedral Library, 3501, fols. 8-130)⁹ sendo um dos maiores

⁸ KEMBLE, John. **The Dialogue of Salomon and Saturnus**. Londres: Ælfric Society, 1848.

⁹ Os demais poemas do manuscrito são (nomes traduzidos para o português, seguidos da forma mais comumente encontrada em língua inglesa): *Cristo I (O Advento)* [Christ I], *Cristo II (A Ascensão)* [Christ II], *Cristo III (O Julgamento)* [Christ III], *Guthlac A* [Guthlac A], *Guthlac B* [Guthlac B], *Azarias* [Azarias], *A Fênix* [The Phoenix], *Juliana* [Juliana], *O Andarilho* [The Wanderer], *Os Dons dos Homens* [The Gifts of Men], *Preceitos* [Precepts], *O Navegante* [The Seafarer], *Vanglória* [Vainglory], *Widsith* [Widsith], *As Fortunas dos Homens* [The Fortunes of Men], *Máximas I* [Maxims I], *A Ordem do Mundo* [The Order of the World], *O Poema Rimado* [The Rhyming Poem], *A Pantera* [The Panther], *A Baleia* [The Whale], *A*

do corpo poético anglo-saxônico. O manuscrito consiste numa coleção de poemas de perfil tanto religioso quanto secular, e possivelmente confeccionado por um único autor, que também teria sido o responsável por outros dois manuscritos em latim (MS. Londres, Lambeth Palace Library, 149, fols. 1-139; e MS. Oxford, Bodleian Library, Bodley 319). O que pode servir de indício para entender que o manuscrito de Exeter, assim como os outros dois manuscritos, se trata de uma cópia. A organização dos textos do *Livro de Exeter* parece ter sido intencional, sendo os oito primeiros poemas os mais longos, seguidos dos demais mais curtos.¹⁰

Uma das primeiras referências ao *Livro de Exeter* data do século XI no inventário de livros entregues por Leofric, bispo de Devon e Cornwall, à catedral de Exeter pouco antes de seu falecimento em c. 1072; contudo, não há qualquer indício de como o manuscrito chegou a suas mãos. Através de análises paleográficas, o manuscrito teria sido composto originariamente em meados do século X (c. 975). Isso seria muito antes que a sé episcopal fosse estabelecida em Exeter em 1050. Portanto, Leofric trouxe o manuscrito pronto e já compilado como nós o conhecemos na atualidade, o que exclui seu nome como um dos possíveis autores da obra.¹¹

Sabe-se que mais tarde, em 1566, uma cópia desse inventário foi adicionada ao manuscrito e entregue pelo diácono e capelão de Exeter a Matthew Parker, arcebispo de Canterbury. Exemplar que já possuía a seguinte inscrição em inglês antigo: “*i. mycel englisc boc be gehwilcum þingum on leoðwisan geworht*” [“um grande livro em inglês a respeito de assuntos compostos em forma de verso”]. Apesar de sua existência ser conhecida desde os tempos de Leofric, o reconhecimento de sua importância para os estudos do inglês antigo e do período anglo-saxônico – assim como a publicação de seu conteúdo – só veio a acontecer no século XIX.¹²

Perdiz [The Partridge], *Alma e Corpo II* [Soul and Body II], *Deor* [Deor], *Wulf e Eadwacer* [Wulf and Eadwacer], *Adivinhações 1-59* [Riddles 1-59], *Adivinhações 3, 5, 9, 25, 26, 29, 30a, 35, 38, 42-8, 53* [Riddles 3, 5, 9, 25, 26, 29, 30a, 35, 38, 42-8, 53], *O Lamento da Esposa* [The Wife's Lament], *O Dia do Julgamento I* [Judgment Day I], *Resignação* [Resignation], *A Descida ao Inferno* [The Descent into Hell], *A Doação de Donativos* [Alms-giving], *Faraó* [Pharaoh], *A Oração do Senhor I* [The Lord's Prayer I], *Fragmento Homilético II* [Homiletic Fragment II], *Adivinhações 30b* [Riddles 30b], *Adivinhações 60* [Riddles 60], *A Mensagem do Marido* [The Husband's Message], *A Ruína* [The Ruin], *Adivinhações 61-95* [Riddles 61-95], *Adivinhações 61, 66, 69, 76, 86* [Riddles 61, 66, 69, 76, 86]; cf. KRAPP, George Philip (ed.) & DOBBIE, Elliot van Kirk (ed.) **The Anglo-Saxon Poetic Records III: The Book of Exeter**. Nova York: Columbia University Press, 1936.

¹⁰ LAPIDGE, Michael. **The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England**. Oxford: Blackwell, 2004, p. 177.

¹¹ BRADLEY, S.A.J. (trad. org.) **Anglo-Saxon poetry**, Londres: Everyman, 2003, p. 201.

¹² LAPIDGE, Michael. **The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England**. Oxford: Blackwell, 2004, p. 177 – 178.

Voltando nossa atenção especificamente ao poema *Vanglória*, ele pode ser identificado – como dissemos anteriormente – como parte da “literatura sapiencial” anglo-saxônica. Com apenas 84 versos, o conteúdo principal do texto remete aos ensinamentos dos Pais da Igreja a respeito dos pecados do orgulho e da soberba, estabelecendo um paralelo entre o comportamento do humilde e o do orgulhoso, traçando a origem deste mal à soberba de Lúcifer e sua recusa em servir a Deus. Temática recorrente na literatura em inglês antigo e que possivelmente, dentre outras possíveis fontes da época, teria sido introduzida na Inglaterra do período por meio do livro apócrifo de Enoque (*I Enoque*, capítulos 1 – 16)¹³ que narra justamente a rebelião de Lúcifer e dos demais anjos, a guerra celestial e pôr fim a queda. Complementando assim a passagem bíblica de *Genesis* 6, 1 – 4.

Além de *Vanglória*, as referências sobre a insurreição e a queda dos anjos também aparecem em outras obras importantes do corpo poético anglo-saxão. Temos, por exemplo, os poemas *Gênesis*, *Cristo & Satã* (ambos parte do manuscrito *Codex Junius XI*)¹⁴ e *Descida ao Inferno* (também do *Livro de Exeter*). A narrativa do primeiro é mais próxima a de *Vanglória*, ao relatar a rebelião de Lúcifer, apresentando-o como um guerreiro (um *þegn*) a serviço do Senhor e que, em consequência de sua soberba, acaba por desempenhar um dos arquétipos mais negativos dentro do universo literário anglo-saxônico que é a figura do traidor.¹⁵ O relato da batalha celestial também aparece nos dois

¹³ Assim como o livro apócrifo de Enoque (*I Enoque*) outros textos apócrifos que podem ter influenciado na produção literária anglo-saxônica são o *Caverna dos Tesouros*, *Descida de Cristo ao Inferno* e *A Vingança do Salvador*, entre outros que podem ter sido levados à Inglaterra nos tempos de Teodoro, arcebispo de Canterbury (c. 602 – 690). Teodoro era de origem grega e pode ter levado tais livros consigo para a Inglaterra, pois, apesar de não terem sobrevivido aos nossos tempos, sabe-se da existência de tais livros apócrifos na Inglaterra devido às evidências encontradas nos comentários e estudos do século VII da “Escola de Canterbury” – estes sim preservados – que fazem referências aos mesmos. Para maiores informações ver BISCHOFF, Bernhard & LAPIDGE, Michael. **Biblical Commentaries from the Canterbury School of Theodore and Hadrian**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; KASKE, R. E. “*Beowulf* and the *Book of Enoch*”. **Speculum**, 46 (3), 1971, p. 421-431; PROENÇA, Eduardo de (org.) **Apócrifos da Bíblia e pseudo-epígrafos**. São Paulo: Fonte Ed., 2005.

¹⁴ KRAPP, George Philip (ed.) **The Anglo-Saxon Poetic Records I: The Junius Manuscript**, Nova York: Columbia University Press, 1931.

¹⁵ O traidor, dentro do cenário literário do período, desempenha a figura modelar do pária, do proscrito; aquele que traiu seu senhor – terreno ou divino – e que em função disso passa a viver exilado do convívio de outras pessoas. Não fazendo mais parte do mundo dos homens ou da Criação por ter se voltado contra a ordem universal. Os melhores exemplos desse tipo de personagem na poesia em inglês antigo é Lúcifer (condenado às trevas do Inferno por sua traição), seguido por Caim (fratricida e que também se volta contra Deus) e, talvez o mais famoso de todos, Grendel no poema *Beowulf* (por ser retratado como da linhagem amaldiçoada de Caim e por desprezar o poder divino e a sociedade humana, o que o torna não apenas um proscrito como um ser monstruoso e abominável). Para maiores informações sobre personagens da literatura anglo-saxônica e a relação com o pecado da traição ver MEDEIROS, Elton O. S. “Mito e História no Campo de Batalha: Apropriação e Interpretação do Passado pelo Medievo e como História Nacional”. **Revista de História Comparada** 8 (2), 2014, p. 29 – 59.

últimos poemas supracitados, mas de forma breve, apenas como forma de lembrar a razão do aprisionamento dos anjos e da razão de Cristo – durante os três dias antes de sua ressurreição – ter descido até o Inferno para libertar as almas ali cativas e mais uma vez punir Lúcifer e seus seguidores.

Além da temática apócrifa, em *Vanglória* encontraremos elementos moralizantes que podemos identificar em outros textos do período e também do contexto do norte europeu e da antiguidade latina. O contraste que o narrador em *Vanglória* estabelece entre o homem tomado pelo orgulho e aquele que é possuidor de humildade é muito semelhante em *Beowulf* ao discurso que a personagem do rei Hrothgar direciona ao jovem Beowulf após este último voltar vitorioso ao seu salão (*Beowulf*, versos 1700 – 1768). O velho rei conta sobre o final trágico do antigo rei Heremod que, tomado pela arrogância e o orgulho, trouxe grande tristeza e desgraça ao povo dinamarquês e aconselha a Beowulf que não siga o mesmo caminho. Neste trecho do poema, através da fala de Hrothgar, é elaborada uma alegoria onde um soberano permite que o orgulho e os vícios corrompam sua alma. Esta elaboração não apenas o aproxima da temática moralizante do texto de *Vanglória* como também remonta à tradição da alegoria poética cristã do escritor latino Prudêncio, em seu poema *Psychomachia*. Em sua obra, Prudêncio retrata o confronto entre os vícios e as virtudes como se fosse um combate armado real e físico. Ambos os “exércitos” são representados por figuras e utensílios do âmbito militar. Assim, em *Beowulf* tal alegoria é apresentada da seguinte forma: o “guardião da alma” (*sawele hyrde*) é a razão ou a consciência humana que adormece, e as “flechas do vício” penetram na alma, tornando-a arrogante e fadada a um triste fim, como retratado em *Vanglória*, versos 26 – 31.

Ao mesmo tempo, nos trinta primeiros versos de *Vanglória*, poderíamos dizer que há a presença de elementos não apenas moralizantes e cristológicos, mas também voltados a normas de conduta social. Sobre a postura dos guerreiros no salão, durante o banquete, em como se portar ao falar aos demais convidados etc. O que pode nos fazer pensar em outro texto importante do norte europeu e que também, como mencionado anteriormente, se enquadra no mesmo tipo de literatura sapiencial que os textos anglo-saxônicos: o poema *Hávamál* (do conjunto de textos islandeses da *Edda Poética*), principalmente suas quinze primeiras estrofes.¹⁶

¹⁶ Como, por exemplo, a sexta estrofe: “De sua inteligência o homem não deve se vangloriar, mas ser cauteloso sobre os pensamentos; quando o sábio e silencioso vem até uma habitação, raramente o mal recai sobre o cuidadoso, pois melhor amigo nenhum homem conseguirá do que a grande sabedoria”; cf. MEDEIROS, Elton O. S. “Hávamál: Tradução Comentada do Nórdico Antigo para o Português. *Mirabilia* 13 (2), 2013, p. 558.

Em relação ao campo da escrita em prosa, nossa principal fonte para esse artigo remonta aos tempos do rei Alfred o Grande (871 – 899) e ao que podemos chamar de *período alfrediano* (séculos IX – IX). Mais especificamente à documentação contida nos *textos alfredianos*:¹⁷ a versão em inglês antigo da obra *Consolatio Philosophiae* de Boécio (chamada em inglês antigo como *Froferboc*¹⁸). A escolha se dá uma vez que, entre as demais obras do conjunto, é nela que se encontra de forma mais explícita o elemento principal da produção literária sapiencial do período: a Sabedoria divina.

A respeito das fontes sobre o *Froferboc*, é sabido da existência de dois textos sobreviventes aos dias de hoje: os manuscritos *Bodley 180 (2079)* e o *Cotton Otho A. VI*. Conhecidos também como versões B (Bodley) e C (Cotton), estes dois manuscritos são os mais bem conservados e mais completos da versão feita a partir do texto de Boécio nos tempos alfredianos.

O manuscrito B contém uma versão da *Consolatio Philosophiae* em inglês antigo que se acredita ter sido escrito por um único autor, entre o final do século XI e começo do XII.¹⁹ A origem do manuscrito não é muito clara. Sabe-se apenas que ele foi adquirido pela Universidade de Oxford por volta de 1602, sendo identificado como *Translatio quaedam Alfrædi*, através da doação feita por um homem chamado Thomas Draper no ano anterior. O nome se deve ao texto começar com uma clara referência a figura do rei Alfred como responsável pela tradução, mas sem explicitar qual seria esse texto. Contudo, na terceira página há uma referência escrita à mão (supostamente do século XVI) onde se lê: “*Boecius de consolatione philosophie translated into the Saxonice tong by King Alfred*”. Juntamente com a versão do texto de Boécio, Draper também teria doado uma grande quantidade de cartas de Thomas Becket (copiadas no fim do século XII-XIII), o *Auctor imperfecti operis in Mattaeum, fo. MS* (uma cópia de comentários de pseudo-Crisóstomo sobre o texto de São Mateus) e uma coleção identificada como *Epistolae Cantuarienses*, escritas no começo do século XIII.²⁰ Devido a todas essas fontes apresentarem certa ligação com a sé de Canterbury, uma possibilidade seria de que a

¹⁷ Os demais textos que compõem os textos alfredianos seriam as versões para o inglês antigo de a *Regula Pastoralis* (de Gregório Magno), os *Solilóquios de Santo Agostinho*, os cinquenta primeiros *Salmos*, além das leis do rei Alfred.

¹⁸ “Livro da Consolação” em português.

¹⁹ GODDEN, Malcom & IRVINE, Susan. **The Old English Boethius: An Edition of the Old English Versions of Boethius’s *De Consolatione Philosophiae*, Vol. I.** Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 9.

²⁰ *Ibid.*, p. 18.

versão B também tivesse sido elaborada em Canterbury. Entretanto, não existem maiores indícios a esse respeito e a origem do manuscrito continua imprecisa.

O manuscrito da versão C, por sua vez, faz parte do volume conhecido como *Cotton Otho A. VI*. Este volume é composto pela versão em inglês antigo do texto de Boécio (datado do século X), uma cópia em latim da vida do rei Edward o Confessor (do final do século XII), e uma narrativa a respeito da visita de um grupo de peregrinos ao santuário de Edward em Westminster no ano de 1240 (datado do século XIII). Não se sabe quando estes textos foram reunidos como tal, mas é possível que isso não tenha ocorrido muito anterior ao final do século XVI-XVII, quando tal compilação chegou à coleção de Sir Robert Cotton. As primeiras referências ao manuscrito datam da década de trinta do século XVII nos catálogos da coleção Cotton. Devido a um incêndio em 1731, que danificou e destruiu boa parte da coleção, o manuscrito apresenta falhas e páginas parcialmente danificadas, principalmente nas bordas. Após ter sido levado para o Museu Britânico e posteriormente a fazer parte do acervo da British Library, passou por um processo de restauração durante a primeira metade do século XIX. Sobre sua origem, assim como a versão B, não há muitas informações. Não existem indícios de como e onde o manuscrito foi adquirido e sua procedência.²¹

Os dois manuscritos possuem características muito distintas entre si. A versão B está inteiramente em prosa, contendo um prefácio, índice e uma introdução sobre Boécio e Teodorico, seguida pela versão em inglês antigo da obra latina. O texto está dividido em quarenta e dois capítulos, onde a introdução conta como sendo o primeiro. A versão C se assemelha ao formato do texto latino original, começando por um prefácio (em prosa), um segundo prefácio (em forma poética, mas sem um índice como na versão B), seguido de passagens em verso e prosa sucessivamente até o final. O conteúdo dos trechos em prosa é muito similar aos da versão B, enquanto que o mesmo não ocorre com os trechos em forma poética.

Atualmente existem duas principais hipóteses a respeito da existência dos manuscritos. Primeiramente, há um consenso de que teria existido uma versão original em prosa da qual as duas versões atuais descendem.²² Uma primeira hipótese é de que esta versão original em prosa seria um rascunho, usada como referência para a composição de outra versão em prosa e verso (sendo esta a versão final desejada para sua

²¹ Ibid., p. 18 – 19.

²² Ibid., p. 46.

circulação no período). A segunda hipótese seria de que o formato apenas em prosa é que seria de fato a versão final e que esta circulou pela Inglaterra da época e posteriormente elaborou-se uma versão alternativa em prosa e verso, tentando imitar o formato original do texto de Boécio.²³ Há um número maior de elementos que favorecem a segunda hipótese: a) o autor omite ou resume drasticamente muitas passagens originais em verso ao passá-las para o inglês antigo, fato que não ocorre com os textos em prosa (o que poderia indicar uma maior preocupação com a estrutura das passagens em prosa do que em verso); b) o formato da versão B está mais bem finalizado (contendo prefácio, índice, um texto dividido e numerado em respectivos capítulos) e c) seu conteúdo circulou na época (o texto da versão B era conhecido por Ælfric de Eynsham – final do século X e início do XI – que o utilizou ao compor os textos de suas “Vidas dos Santos”, e pelo arcebispo Wulfstan de York em suas homilias durante o mesmo período²⁴). Já sobre o texto da versão C, não há elementos suficientes que possam comprovar a circulação de seu conteúdo durante o mesmo período na Inglaterra.

O que nos chama a atenção para o texto da *Consolatio Philosophiae* em inglês antigo e para os demais *textos alfredianos* não é sua existência em idioma vernáculo, mas a maneira como se deu sua composição e as discrepâncias em relação aos textos originais. No caso do *Froferboc*, ele reproduz de forma geral o texto original de Boécio. Contudo, ao longo dele podemos notar alterações e reinterpretações, paráfrases e interpolações que por vezes diferem radicalmente da obra original (o que também se reflete nos demais textos do conjunto documental alfrediano e encontra paralelos nas reconstruções poéticas de inspiração bíblica do período, como o poema *Judite*,²⁵ por exemplo). Os primeiros estudos modernos sobre o texto em inglês antigo justificavam tais diferenças como erros de tradução, resultado da falta de um conhecimento mais aprofundado de seu autor do idioma latino e dos conceitos tratados por Boécio. Para tais críticos, o autor demonstrava um despreparo que o levou a cometer tais equívocos.²⁶ Entretanto, numa análise mais atenta, podemos notar vários elementos que indicam que isso não é verdade.

Um dos grandes exemplos de alteração interpretativa se dá através da imagem da *Fortuna*. Em Boécio, bens, riquezas, poder e outras coisas, estariam sob o jugo da *Fortuna*

²³ Ibid., p. 45.

²⁴ Ibid., p. 48.

²⁵ MEDEIROS, Elton O. S. “A Corajosa Mulher: Representações Femininas de Poder na Inglaterra Anglo-Saxônica”. *Revista Poder e Cultura*, 3 (5), 2016, p. 30 – 47.

²⁶ SEDGEFIELD, Walter John (trad.), *King’s Alfred Old English Version of the Consolations of Boethius*. Oxford: Clarendon Press 1900, p. 242.

e ligados à ideia de efemeridade. No texto em inglês antigo não há esta presença da *Fortuna*, como no original. No *Froferboc*, a *Fortuna* latina sai de cena, até mesmo o nome desaparece, e a argumentação do texto é reconstruída em torno de dois novos termos em inglês antigo: *Wyrð* e *woruldsælða*. Diferentemente do que ocorre em Boécio com a *Fortuna*, nenhum desses dois termos são personificações. *Woruldsælða* seriam as coisas materiais em si, os bens e as vantagens terrenas as quais os homens adquirem e mantêm em função de sua busca pela Sabedoria. O termo *Wyrð*, por sua vez, remete a um antigo conceito do mundo germânico, sendo algo próximo da ideia de destino. *Wyrð*, no *Froferboc*, acaba se confundindo com a figura de Deus, pois, diferente da *Fortuna*, no texto em inglês antigo *Wyrð* não tem poder para influenciar as vidas dos homens. Os bens terrenos, a prosperidade e infortúnios, diferente da *Fortuna* de Boécio, são de responsabilidade exclusiva de Deus. No *Froferboc*, ao invés de uma força independente, *Wyrð* é na verdade a forma pela qual Deus manifesta sua vontade no mundo.²⁷

Contudo, uma das principais alterações do texto de Boécio para o inglês antigo está no papel que *Wisdom* (Sabedoria) desempenha do ponto de vista político e teológico: o princípio da realeza. Esta alteração fornece uma das identificações mais claras com o pensamento político alfrediano e com todo o conjunto de interpretações e mudanças realizadas ao verter o texto de Boécio para o vernáculo, assim como sua relação com os demais *textos alfredianos*. Em tais obras se torna de extrema importância o papel de tal sabedoria, tendo como seu principal referencial bíblico o arquétipo salomônico.²⁸ De maneira que isso acaba se refletindo em uma associação dos conceitos de sabedoria, governança e (consequentemente) aplicação da lei.²⁹ Algo que, não surpreendentemente, se reflete na produção poética do período, através da fala da personagem do rei Hrothgar a Beowulf em *Beowulf* (vv. 1724 – 1785); assim como também, de forma mais evidente, nos poemas *O Andarilho*, *Preceitos* e *Vanglória*.³⁰

²⁷ PAYNE, F. Anne. **King Alfred & Boethius: An Analysis of the Old English Version of the Consolation of Philosophy**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1968, pp. 87-92.

²⁸ PRATT, David. **The Political Thought of King Alfred the Great**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 152 – 153.

²⁹ Algumas passagens bíblicas servem para reforçar isso, como 1 Reis 3, 9 – 14; 2 Crônicas 1, 7 – 12; Sabedoria de Salomão 6, 1 – 25; 7, 7 – 14; 8, 9 – 16; Provérbios 8, 12 – 36 (em especial os versículos 12 – 21) e 9, 10; e também o Salmo 111 (110) capítulo 10; e Eclesiastes 1; 19, 18 – 21; 25, 13 – 15.

³⁰ KRAPP, George Philip (ed.) & DOBBIE, Elliot van Kirk (ed.) **The Anglo-Saxon Poetic Records III: The Book of Exeter**. Nova York: Columbia University Press, 1936, p. 134 – 136, 140 – 142, 147 – 148; **The Anglo-Saxon Poetic Records IV: Beowulf and Judith**. Nova York: Columbia University Press, 1953, p. 53 – 55; FULK, R. D. **The Beowulf Manuscript**. Cambridge: Harvard University Press, 2010, p. 199 – 205; MEDEIROS, Elton O. S. **Beowulf**. São Paulo: Ed. 34, 2016 (no prelo); PRATT, David. **The Political Thought of King Alfred the Great**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 153 – 154.

Ao longo do *Froferboc* a Sabedoria é descrita como a mais alta das virtudes (*hehsta cræft*), uma manifestação divina e, diferentemente do simples poder mundano, possui a capacidade de conceder méritos e qualidades àqueles que a buscam e a amam. Desta forma, a Sabedoria estaria identificada com Deus, e ligada à ideia de um Deus que é o governante supremo, detentor de um poder que está além da completa compreensão humana. *Wisdom* representaria o poder de Deus de governar a Criação, o verdadeiro poder dos reis, dos homens e de todos aqueles que detêm algum tipo de autoridade e bem a administram. E através de *Mod* (Mente) esta Sabedoria divina é venerada como a fonte do poder régio. A fonte do poder pelo qual é possível ser rei ao obter autoridade sobre os elementos materiais e espirituais necessários para a manifestação desta habilidade (*cræft*). Diferente de *Wyrd*, a presença de *Wisdom* no *Froferboc* beira à personificação, remetendo a elementos cristológicos³¹ e do Velho Testamento.³²

Desta forma, a Sabedoria estaria vinculada ao ideal da figura do soberano e atrelada à prática do poder. À qualidade da realeza, a que concede poder e que permite a prosperidade terrena a seus seguidores. Enquanto na obra original de Boécio a Filosofia (*Philosophiae*) assume uma postura ascética, desprezando riquezas, status, poder e fama, a Sabedoria (*Wisdom*) valoriza esses mesmos elementos como instrumentos necessários da vida humana e do governante. Através disso, a Sabedoria passa ao seu interlocutor (*Mod*) o respeito e a responsabilidade que ele deve ter no uso dos materiais e das pessoas deste mundo. Uma das principais qualidades que se espera de um rei. Podemos ver que este se torna um ponto fundamental para a compreensão do texto em inglês antigo e do discurso dos demais *textos alfredianos*: o poder e a autoridade que provém de Deus através da Sabedoria. No *Froferboc* é mantido o padrão do diálogo sapiencial (assim como nos *Solilóquios*); mas, enquanto no texto original este ocorre entre a Filosofia e o filósofo (ou entre a Razão e Agostinho), no texto anglo-saxônico pode-se interpretar que este ocorre entre a “Realeza” e o rei.³³ Realeza que se manifesta através da Sabedoria, uma força divina que controla e administra a Criação, e não mero conhecimento mundano (*cynescipe*).

³¹ “*Cristo é a Sabedoria de Deus*”; AGOSTINHO, *Civitate Dei*, XVII, 20.

³² “Eu sou a Sabedoria, moro com a sagacidade, e possuo o conhecimento da reflexão (...) É por mim que reinam os reis, e que os príncipes decretam a justiça; por mim governam os governadores, e os nobres dão sentenças justas” - Provérbios 8, 12-16.

³³ Supondo que a figura do rei Alfred o Grande tenha de fato alguma ligação direta com a composição do texto, o diálogo sapiencial poderia ser interpretado também como representando um debate entre Cristo e o próprio Alfred.

Este seria um ponto fundamental para o ideal régio cristão alfrediano e para a legitimidade de sua autoridade do ponto de vista filosófico, teológico e principalmente político; cujos reflexos interpretativos poderão ser encontrados ao longo do *período alfrediano* tanto em textos em prosa (como na documentação legislativa e nos textos de Ælfric de Eynsham e do arcebispo Wulfstan) como na poesia (em *Beowulf*, por exemplo, a manifestação de termos como *wyrd* e *wisdom* ao longo do poema se dá exatamente como interpretado no *Froferboc*). Ideal presente no discurso dos demais *textos alfredianos* e que serviria aos propósitos da Casa de Wessex ao promover um novo tipo de prática de poder que iria mudar as relações da organização social anglo-saxônica ao fortalecer a autoridade da aristocracia (afetando diretamente a administração pública e influenciando a reorganização militar), mas ao mesmo tempo (diferente do que acontecia antes do século IX) restringindo sua autonomia por estar mais submetida a uma autoridade régia centralizadora. O que contribuiria mais tarde para o processo de unificação da Inglaterra nos tempos do governo do rei Athelstan (neto de Alfred), com o qual este ideal de poder régio cristão anglo-saxônico atingiria seu clímax ao consolidar a imagem do monarca, do soberano de toda a ilha.³⁴

Sobre a tradução atual

Como podemos ver na produção literária anglo-saxônica, o campo de abrangência da “literatura sapiencial” é vasto. Sendo assim, trazemos o poema *Vanglória* como uma pequena amostra de como essa literatura pode proporcionar uma série de abordagens, enfoques e relações com outros textos do mesmo período, tanto na Inglaterra quanto fora dela. A tradução do poema para o português foi realizada a partir da transcrição do texto original em inglês antigo presente na obra de George Philip Krapp e Elliot van Kirk Dobbie, *The Anglo-Saxon Poetic Records III: The Book of Exeter* de 1936.³⁵

A respeito da tradução a partir do *Froferboc*, como dissemos anteriormente, foi escolhido o capítulo 17 da versão B, contido no manuscrito MS. Bodley 180 (2079). Para essa tarefa nos baseamos na transcrição do original anglo-saxônico que se encontra no primeiro volume da obra de Malcom Godden e Susan Irvine, *The Old English Boethius*:

³⁴ STENTON, Sir Frank M. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1943, p. 349; MEDEIROS, Elton O. S. “Alfred o Grande e a linhagem sagrada de Wessex: A construção de um mito de origem na Inglaterra anglo-saxônica”. *Mirabilia* 13, 2011, p. 134 – 172.

³⁵ KRAPP, George Philip (ed.) & DOBBIE, Elliot van Kirk (ed.) **The Anglo-Saxon Poetic Records III: The Book of Exeter**. Nova York: Columbia University Press, 1936, p. 147 – 148.

An Edition of the Old English Versions of Boethius's De Consolatione Philosophiae, de 2009.³⁶

Em ambos os casos, vale ressaltar (especialmente para a tradução de *Vanglória*), a forma escolhida para suas versões finais em língua portuguesa foi a prosa – para assim auxiliar sua leitura e para uma melhor compreensão – devido às particularidades do inglês antigo e seu estilo poético. Ao mesmo tempo também houve a preocupação de manter os textos o mais próximo possível de seu conteúdo original – visando facilitar o estudo e a consulta junto ao texto em inglês antigo – realizando adaptações e alterações apenas quando uma tradução mais literal se tornou inadequado em língua portuguesa.

Traduções

Consolation Philosophiae em Inglês Antigo (*Froferboc*)

[Versão B: Ms. Bodley 180 (2079)]

Capítulo 17

Original em Inglês Antigo	Tradução
<p>[<i>Hu þæt mod sæde þæt him næfre seo mægþ and seo gitsung forwel ne licode buton tola þe he tilade</i>]</p> <p>Þa se wisdom þa þis leoð asungen hæfde, þa geswigode he, and andsworede þæt mod and þus cwæð. Eala gesceadwisnes, hwæt þu wast þæt me næfre seo gitsung and seo gemægð þisses eorðlican anwealdes forwel ne licode, ne ic ealles forwiðe ne girnde þisses eorðlican rices, buton [tola] ic wilnode þeah and andweorces to þam weorce þe me beboden was to wyrçanne; þæt ic unfracodlice and gerisenlice mihte steoran and reccan þone anweald þe me befæst wæs. Hwæt þu wast þæt nan mon ne mæg nænne cræft cyþan ne nænne anweald</p>	<p>[<i>Como a Mente disse que a ambição e a cobiça nunca lhe atraíram muito, exceto as ferramentas que ela buscou</i>]</p> <p>Quando a Sabedoria cantou sua canção, ela então ficou em silêncio,³⁷ e a Mente respondeu e assim disse: “Ó Razão, verdadeiramente você sabe que a cobiça e o desejo por esse poder terreno nunca me atraíram muito, nem eu ansiei grandemente por essa autoridade terrena, mas busquei pelas ferramentas e material para a tarefa a qual fui incumbido de cumprir; de forma que eu honradamente e adequadamente possa guiar e conduzir aquele poder que me foi confiado. Verdadeiramente você sabe que ninguém pode demonstrar qualquer habilidade,³⁸</p>

³⁶ GODDEN, Malcom & IRVINE, Susan. *The Old English Boethius: An Edition of the Old English Versions of Boethius's De Consolatione Philosophiae*, Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 277 – 278.

³⁷ *þa geswigode he*: numa tradução mais literal, “então ele se silenciou”; em inglês antigo a personagem da Sabedoria é tratada pelo pronome masculino “ele”.

³⁸ *Cræft*: pode ser traduzida como “habilidade”, “virtude”, “arte”, “talento” e etc. Apesar de não existir originalmente tal conceito na Inglaterra anglo-saxônica, poderíamos aproximar à ideia de *mana* – de forma não totalmente satisfatória, devemos admitir. O termo vem da Antropologia, originalmente dos estudos sobre as culturas polinésias de cujo idioma provém a palavra. *Mana* estaria relacionada com um tipo de poder “sobrenatural” presente na sociedade e que estaria concentrado em objetos, palavras, atos e pessoas.

reccan ne stioran butan tolum and andweorce. Ðæt bið ælces cræftes andweorc þæt mon þone cræft buton wyrcan ne mæg. Ðæt bið þonne cyninges andweorc and his tol mid to ricsianne þæt he hæbbe his land fulmannod. He sceal habban gebedmen and fyrdmen and weorcmen. Hwæt þu wast þætte butan þisum tolum nan cyning his cræft ne mæg cyðan. Ðæt is eac his andweorc þæt he habban sceal to þam tolum þam þrim geferscipum biwiste. Ðæt is þonne heora biwist: land to bugianne and gifta and wæpnu and mete and ealo and clapas, and gehwæt þæs ðe þa þre geferscipas behofiað. Ne mæg he butan þisum þas tol gehealdan, ne buton þisum tolum nan þara þinga wyrcan þe him beboden is to wyrceenne. Forþy ic wilnode andweorces þone anweald mid to recceenne, þæt mine cræftas and anweald ne wurde [forgiten] and forholen, forþam ælc cræft and ælc anweald bið sona forealdod and forswugod, gif he bið buton wisdom; forþam ne mæg non mon nænne cræft forðbringan buton wisdom, forþam þe swa hwæt swa þurh dysige gedon biþ ne mæg hit mon næfre to cræfte gerecan. Ðæt is nu hraþost to secganne þæt ic wilnode weorðfullice to libbanne þa hwile þe ic lifede, and æfter minum life þam monnum to læfanne [þe] æfter me wæren [min] gemynd on godum weorccum.

nem exercer ou conduzir nenhum poder, a não ser com ferramentas e materiais. O material de qualquer habilidade é aquele sem o qual ninguém pode exercer tal habilidade. Assim, o material para um rei e suas ferramentas com as quais governa são aquelas com as quais ele mantém sua terra povoada. Ele deve ter homens de oração e homens de armas e homens de trabalho.³⁹ Pois você sabe que sem essas ferramentas nenhum rei pode exercer sua habilidade. Assim também, seu material é aquele que ele deve ter para o sustento das ferramentas destes três grupos. Isto é então o seu sustento: terra para habitar, e presentes e armas e comida⁴⁰ e cerveja e roupas, e tudo aquilo que os três grupos necessitam. Sem isso ele não pode manter as ferramentas, nem sem essas ferramentas realizar qualquer uma das coisas que lhe é designado a realizar. Portanto, eu desejo material para então exercer poder, de forma que minhas habilidades e autoridade não sejam esquecidas e escondidas, pois toda habilidade e todo o poder serão logo sobrepujados pelo tempo e silenciados se forem sem sabedoria; pois ninguém pode realizar nenhuma habilidade sem sabedoria, uma vez que qualquer coisa que é feita através da estupidez não pode nunca ser considerada uma habilidade. Digo agora isso sucintamente: eu desejo viver honradamente o tanto quanto eu viver, e depois de minha vida deixar para aquelas pessoas que vier depois de mim minha memória em boas obras.

Termo adotado pela academia britânica e que se revelou muito útil para o estudo da autoridade régia tanto dentro do contexto da sociedade pré-cristã quanto da religiosidade cristã, assim como na compreensão de como a liturgia funcionava relacionada a fórmulas medicinais, bênçãos e demais práticas de fundo mágico e espiritual tolerados pela Igreja. Para uma melhor abordagem sobre o tema cf. MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 142-173.

³⁹ *He sceal habban gebedmen and fyrdmen and weorcmen*, temos aqui já a idealização das três ordens da sociedade medieval.

⁴⁰ *Mete*: “carne”, em um sentido mais literal.

Vanglória

Livro de Exeter

[MS. Exeter, Cathedral 3501, fol. 83a – 84b]

Original em Inglês Antigo	Tradução
<p>Hwæt, me frod wita on fyrndagum sægde, snottor ar, sundorwundra fela. Wordhord onwreah witgan larum beorn boca gleaw, bodan ærcwide,</p>	<p>Ouçam, nos tempos de outrora um velho conselheiro me disse – sábio mensageiro – sobre diversas maravilhas. Abriu seu tesouro de palavras⁴¹ sobre a sabedoria dos profetas, a prudência dos heróis instruídos, os velhos dizeres dos apóstolos,</p>
<p>5 Pæt ic soðlice sibþan meahthe ongitan bi þam gealdre godes agen [bearn, wilgest on wicum, ond þone wacran [swa some, scyldum bescyredne, on gescead [witan. þæt mæg æghwylc mon eaþe geþencan,</p>	<p>de forma que eu pudesse verdadeiramente reconhecer por estes ensinamentos o verdadeiro Filho de Deus, um convidado bem-vindo; e assim como aquele exilado eu devo reconhecer, banido por seus pecados. Todos os homens podem compreender isto,</p>
<p>10 se þe hine ne læteð on þas lænan tid amyrran his gemyndum modes [gælsan ond on his dægrime druncen to rice, þonne monige beoð mæpelhegendra, wlonce wigsmiþas winburgum in,</p>	<p>aqueles que não permitirem que durante este tempo passageiro sua mente seja nublada por um espírito de soberba e se deixe levar pela bebida por todos os seus dias: quando muitos homens se reúnem em assembleia, os orgulhosos guerreiros em suas fortalezas de vinho,</p>
<p>15 sittap æt symble, soðgied wrecað, wordum wrixlað, witan fundiaþ hwylc æscstede inne in ræcede mid werum wunige, þonne win [hweteð beornes breostsefan. Breahtem [stigeð,</p>	<p>sentados ao banquete, prontamente se pronunciam, trocando palavras, pensando que tipo de campo de batalha encontrarão dentro do salão entre os homens que o habitam, quando o vinho encharca o coração dos guerreiros. Um grito se ergue,</p>

⁴¹ *Wordhord* (“tesouro de palavras”): a boca.

<p>20 cirm on corþre, cwide scralletaþ missenlice. Swa beoþ modsefan dalum gedæled, sindon dryhtguman ungelice. Sum on oferhygdo þrymme þringeð, þrinteð him in [innan</p>	<p>um clamor na multidão, bradam diversas palavras. Assim são as mentes, diversas e divididas, os nobres homens são diferentes (entre si). Alguém em sua arrogância exalta sua força, nele flui</p>
<p>25 ungemedemad mod; sindan to [monige þæt! Bið þæt æfþonca eal gefylled feondes fligepilum, facensearwum; breodað he ond bælcæð, boð his [sylfes swiþor micle þonne se sella mon,</p>	<p>um espírito desagradável; muitos são desta forma! Está assim todo cheio de ódio, por dardos voadores⁴² e artimanhas do demônio; ele grita e urra, vangloria-se de si mesmo muito mais do que um homem melhor (que ele),</p>
<p>30 þenceð þæt his wise welhwam þince eal unforcuþ. Biþ þæs oþer swice, þonne he þæs facnes fintan sceawað.</p>	<p>pensa que seu modo de agir irá parecer a todos como honrado. Isto será outra mentira, quando ele vir o resultado desta farsa.</p>

Referências

Fontes

- ANLEZARK, Daniel. **The Old English Dialogues of Solomon and Saturn**, Cambridge: D. S. Brewer, 2009.
- BRADLEY, S.A.J. (trad. org.) **Anglo-Saxon poetry**, Londres: Everyman, 2003.
- CHARLES, R. H. (trad.) **The Book of Enoch**, Boston: Weiser Books, 2003.
- FULK, R. D. **The Beowulf Manuscript**. Cambridge: Harvard University Press, 2010.
- GODDEN, Malcom & IRVINE, Susan. **The Old English Boethius: An Edition of the Old English Versions of Boethius's *De Consolatione Philosophiae*, Vol. I - II**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- HOLLANDER, Lee M. **The Poetic Edda**. Austin: University of Texas Press, 2000.

⁴² *Fligepilum* (“dardos voadores”): dentre as crenças populares dos anglo-saxões estava a de que seres como elfos e espíritos da natureza eram capazes de causar malefício às pessoas e animais ao atirar flechas e dardos invisíveis. Com a cristianização essa crença passou também a atribuir a seres demoníacos tal prática, causando males não apenas físicos como também espirituais; cf JOLLY, Karen. **Popular Religion in Late Saxon England**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.

- JÓNSSON, Guðni. **Hávamál**, Copenhagen, 1924. Disponível em: <http://www.heimskringla.no/wiki/H%C3%A1vam%C3%A1l> (Acessado em 18/07/2012).
- KEMBLE, John. **The Dialogue of Salomon and Saturnus**. Londres: Ælfric Society, 1848.
- KRAPP, George Philip (ed.) **The Anglo-Saxon Poetic Records I: The Junius Manuscript**, Nova York: Columbia University Press, 1931.
- KRAPP, George Philip (ed.) & DOBBIE, Elliot van Kirk (ed.) **The Anglo-Saxon Poetic Records III: The Book of Exeter**. Nova York: Columbia University Press, 1936.
- _____. **The Anglo-Saxon Poetic Records IV: Beowulf and Judith**. Nova York: Columbia University Press, 1953.
- MEDEIROS, Elton O. S. “Hávamál: Tradução Comentada do Nórdico Antigo para o Português”. **Mirabilia** 13 (2), 2013, p. 545 – 601. Disponível em: < http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2013_02_23.pdf > Acesso em: 03/05/2016.
- _____. “*ráðna stafi, mjök stóra stafi, mjök stinna stafi*”: Tradução Comentada dos Poemas Rúnicos Anglo-Saxão, Islandês, Norueguês e do *Abecedarium Nordmannicum*”. **Medievalis** 4 (1), 2015, p. 1 – 31. Disponível em: < <http://medievalis.nielim.com/ojs/index.php/medievalis/article/view/69/59> > Acesso em: 03/05/2016.
- _____. “Erudição e Poesia Encantatória na Inglaterra anglo-saxônica: *Salomão e Saturno I* & o *Encantamento das Nove Ervas*”. **Mirabilia** 20 (1), 2015, p. 313 – 363. Disponível em: < http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/20-17_0.pdf > Acesso em: 03/05/2016.
- _____. “A Linhagem Perdida de Scaef: Genealogias Mítico-Históricas na Inglaterra e Escandinávia & a Tradução do Prólogo da *Edda* de Snorri Sturluson”, **Signum** 16 (3), 2015, p. 46 – 77. Disponível em: < <http://www.abrem.org.br/revistasignum/index.php/revistasignum11/article/view/191/168> > Acesso em: 03/05/2016.
- _____. (trad. org.) **Beowulf**, São Paulo: Ed. 34, 2016 (no prelo).
- PROENÇA, Eduardo de (org.) **Apócrifos da Bíblia e pseudo-epígrafos**. São Paulo: Fonte Ed., 2005.
- PRUDENCIO. **Psychomachia**, Bryn Mawr: Bryn Mawr Commentaries, 2004.
- SEDGEFIELD, Walter John (ed.), **King’s Alfred Old English Version of the Consolations of Boethius**. Oxford: Clarendon Press, 1882.
- SEDGEFIELD, Walter John (trad.), **King’s Alfred Old English Version of the Consolations of Boethius**. Oxford: Clarendon Press, 1900.

Bibliografia

- BISCHOFF, Bernhard & LAPIDGE, Michael. **Biblical Commentaries from the Canterbury School of Theodore and Hadrian**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

- FULK, R. D. & CAIN, Christopher M. **A History of Old English Literature**. Oxford: Blackwell, 2005.
- GODDEN, Malcolm & LAPIDGE, Michael. **The Cambridge Companion to Old English Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- HANSEN, Elaine Tuttle. **The Solomon Complex**. Toronto: University of Toronto Press, 1988.
- HUPPÉ, Bernard F. **Doctrine and Poetry: Augustine's Influence on Old English Poetry**. Nova York: State University of New York, 1959.
- JOLLY, Karen Louise. **Popular Religion in Late Saxon England: elf charms in context**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.
- KASKE, R. E. "Beowulf and the Book of Enoch". **Speculum**, 46 (3), 1971, p. 421-431.
- LAPIDGE, Michael. **The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England**. Oxford: Blackwell, 2004.
- LASSEN, Annette. **Odin på kristent pergament: En teksthistorisk studie**. Copenhagen: Museum Tusulanums Forlag, 2011.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEDEIROS, Elton O. S. "Uma Introdução ao Estudo da Conversão e das Práticas Mágicas na Inglaterra Anglo-Saxônica", **Brathair** 10 (1), 2010, pp. 54 – 66. Disponível em: < <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/437/378> > Acesso em: 03/05/2016
- _____. "Alfred o Grande e a linhagem sagrada de Wessex: A construção de um mito de origem na Inglaterra anglo-saxônica". **Mirabilia** 13, 2011, p. 134 – 172. Disponível em: < http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2011_02_07.pdf > Acesso em: 03/05/2016.
- _____. "Mito e História no Campo de Batalha: Apropriação e Interpretação do Passado pelo Medievo e como História Nacional". **Revista de História Comparada** 8 (2), 2014, p. 29 – 59. Disponível em: < http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/rhc_volume008_Num002_002.pdf > Acesso em: 03/05/2016.
- _____. "A Corajosa Mulher: Representações Femininas de Poder na Inglaterra Anglo-Saxônica". **Revista Poder e Cultura**, 3 (5), 2016, p. 30 – 47.
- PAYNE, F. Anne. **King Alfred & Boethius: An Analysis of the Old English Version of the Consolation of Philosophy**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1968.
- PRATT, David. **The Political Thought of King Alfred the Great**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- PULSIANO, Philip & TREHARNE, Elaine. **A Companion to Anglo-Saxon Literature**. Oxford: Blackwell, 2001.
- STENTON, Sir Frank M. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1943.